

À MARGEM DE EUCLIDES *Jorge de Lima*¹

“Jagunço destemeroso, o tabaréu ingênuo e o caipira simplório, serão em breve tipos relegados às tradições evanescentes ou extintas. Retardatários hoje, amanhã se extinguirão de todo. A civilização avançará nos sertões, impelida por essa implacável “força motriz da História” que Gumpłowicz, maior do que Hobbes, lobrigou, num lance genial, no esmagamento inevitável das raças fracas pelas raças fortes”

Euclides da Cunha, que escreveu essas palavras desoladoras no prefácio do seu famoso livro sobre os sertões, termina na última página das notas à 3ª edição da mesma obra: “Não tive o intuito de defender os sertanejos, porque este livro não é um livro de defesa; é, infelizmente, de ataque”

A campanha de Canudos passaria, assim, como o primeiro avanço da civilização contra a barbárie, contra as “sub-raças evanescentes” quase desaparecidas. Entretanto, a civilização que comandou as expedições não era senão o tabaréu ingênuo e o caipira simplório ou o “mestiço neurastênico do litoral”, enfronhado de vagas culturas européias, tão vagas, tão inglórias e tão européias como as armas que as próprias expedições empunhavam.

Enquanto a civilização esmagadora não chega, esta grande parte da nação brasileira, seqüestrada felizmente pelo analfabetismo e pela geografia, evolue como deveria evoluir com os predicados morais de destemerosidade, de simplicidade e de ingenuidade em que a geração passada via o mal. Bela coisa, sem dúvida, alfabetizar; mas parece singularmente ótimo que D. João VI tivesse começado a nossa formação de cima para baixo, dando-nos Academias Superiores, e não escolas. Formou-nos, assim, doutores, inchados de ciência, em vez de homens rijos de alma, como começaram a dar-nos os jesuítas.

O resultado foi que os doutores degeneraram em políticos, traficantes e sibaritas das capitais; os sertanejos, porém, conservaram-se puros e ingênuos: atravessaram, como o carreiro do Ipiranga, todas as idéias e revoluções bárbaras, e chegaram incólumes a esta hora “H” da América: ou todos nos fazemos fortes, ou desaparecemos.

Os doutores já estão desiludidos das culturas ádvenas; já estão escarmentados do pedantismo das idéias da lua: podem voltar-se, agora, para a terra, e fazer do homem bom do sertão o trabalhador capaz do nosso progresso. Quando digo sertão, digo da Praça Mauá para lá.

É uma velha geração a geração nova, sem brilho, sem as fantasias da outra,

1 *Atlântico*: revista luso-brasileira, Lisboa, nº 3, p. 56-9, março de 1943.

e condenada a encher de dúvidas o século que os nossos pais povoaram de afirmações. A controvérsia e a objeção voltaram com a nossa geração de inquietos e angustiados.

Nós somos cépticos, quando olhamos os dogmas do cientificismo, que até ontem encarnavam o terror da afirmação e da negação.

O grande livro de Euclides foi escrito como aquela literatura “*che si chiama scientifica saltando perché ha il terrore perpetuo dell’affermazione*” de que tanto desdenha Papini no prefácio de sua *Storia di Christo*.

A sedução de Euclides estava na sua vida dolorosa, que culminou na tragédia com que se afundou na eternidade, e ressalta aqui e acolá em muita página humana, quando a despreocupação do científico cede o lugar à despretensão das suas notas simplesmente literárias.

A tortura do estilo e da erudição colocou-o ao lado do imenso Rui na antologia do “estouro da boiada” na defesa de termos acoimados de galicismos, nos neologismos, no mesmo nefelibatismo científico, na mesma exaltação a Pombal e na mesma fascinação pela civilização das chamadas raças fortes.

Fanático da antropologia física, como o jagunço o foi do seu Conselheiro, é um homem preocupado de diagnósticos, classificando Canudos de diátese (?), os mulatos neurastênicos, os cafuzos de histéricos, até a última página em que, estudando a cabeça do pobre Antônio Maciel, termina: “que a ciência dissesse a última palavra. Ali estavam no relevo das circunvoluções expressivas, as linhas especiais do crime e da loucura”

Acreditava aquela geração que a ciência pudesse sempre dizer a última palavra. Para ele, a última palavra da ciência eram as leis antropológicas de Broca; Foville havia englobado todos os mestiços num diagnóstico de histéricos; a História se reduzia “aos axiomas de Gumpłowicz maior que Hobbes”; daí pensar Euclides que os sertanejos eram os “herdeiros infelizes de vícios seculares da idade média” [p. 142 — *Os sertões*].

O método renaniano dominava as mais simples narrativas, como esta da lenda conjugal do Conselheiro, e por isso ia buscar o grande escritor no Montanus do Marco Aurélio o símile do degenerado sertanejo [p. 192].

Deste modo “pensa, como Renan, que há, rude e eloqüente, a segunda Bíblia do gênero humano no gaguejar do povo” [p. 207].

E que aquelas gentes dos sertões ele as encontrava relendo “as páginas memoráveis em que Renan faz ressurgir, pelo galvanismo de seu belo estilo, os adoidados chefes de seitas dos primeiros séculos” [p. 169]; eram as mesmas ânsias e os mesmos tresvarios, “o mesmo ansiar pelos céus, à feição primitiva-

mente sonhadora da velha religião, antes que a deformassem os sofismas canonizados dos concílios” [p. 173].

Parece um Binet Sanglé lecionando para um anfiteatro de cépticos sobre a garantia e quase “experimentada” pleuris de Jesus Cristo e a sufocação de Judas na hora do enforcamento.

Apreciando-lhe a logomaquia científica, derramada naquele estilo complicado, a gente fica pensando na prole de frases que o célebre escritor poderia dar-nos, se ao invés da antropologia estéril de seu tempo, tivesse conhecido o assunto fecundo da eugenia de hoje, tão fecundo que solicitamos maltusianismo contra tanta literatura quase frascária.

A visão de Euclides saiu, assim, deformada no seu melhor documento, não só pelos vidros imperfeitos que a presumida geração dos fanáticos da ciência lhe dera, como pela própria deturpação que a guerra ocasiona no estado emocional do combatente.

Reconhecera-o Euclides: “O que escrevemos, confessava ele, tem o traço defeituoso dessa impressão isolada, agravada, ademais, por um meio contraposto à serenidade do pensamento, sulcado pelas emoções da guerra” [p. 27].

A deformação estava no observador e no observado, este por sua vez deformado pela multidão.

Seja como for, porém, *Os sertões* são dos nossos poucos livros que conseguiram conservar-se à tona da maré-montante de literatura em que foram vazados.

Outros trabalhos seus tiveram o mesmo ambiente, o mesmo cenário, ou melhor, a mesma cenografia trágica do seu estilo e da sua seriedade em encarar os problemas que discutia. Nenhum assunto saía da sua pena sem aquela prévia compreensão tão recomendada pelo reverendíssimo Boileau. Foi o caso mais típico de honestidade literária de que se pôde orgulhar a Academia Brasileira, até à sua morte. Ele foi sempre fiel ao dito célebre do clássico: “O que não experimentaste não digas que o sabes bem” Todos os seus livros, a sua obra, aliás, apesar de manquecer do espírito do tempo, dá-nos a impressão de ser escrita, não com cipó, como disse Nabuco, porém, segundo a fórmula terrível do poeta — não quero dizer do filósofo — do *Assim falou Zaratustra*: com sangue. Nos *Contrastes e confrontos*, do mesmo modo que *À margem da história*, há muita matéria plástica para se fazer uma fama, se esta já não lhe tivesse saído inteira, compacta, de-bloco, ao ser publicada a mais original das reportagens do mundo.

Vamos e venhamos: no gênero jornalístico, as cartas de que, como de larva, saíram *Os sertões*, só me lembro da correspondência de William Stead sobre a

Conferência da Paz em Haia. Foi o jornalista inglês que nos descobriu o grande mestre do Direito, em quem, até então, víamos apenas o verbo político.

Nos confrontos que fez dos homens e coisas da nossa História deixou-nos agudíssimas interpretações.

Nos contrastes que focalizou dos problemas nacionais, levantou-nos a medida de soluções positivas, quase classificadas como soluções algébricas.

Os seus conceitos eram sempre lapidares: prova de que o seu pensamento já havia sido posto na fórmula matemática, que era a base do seu poder de generalizar e concluir.

Nunca se volta de Euclides com as mãos abanando. A nossa terra está toda nele, muito melhor do que o homem está nela, e na qual, a bem dizer, ainda parece hóspede.

Ainda não a possuímos, ainda não nos apossamos daquela “terra graciosa” que nos pintou o grande mágico de 1500.

O caminho da conquista, traçou-no-lo Euclides na história truculenta que nos contou, não falando com voz mansa e suave, mas aos brados, com voz clamorosa, para que ouvíssemos e não a esquecêssemos.

CRÉDITOS DAS IMAGENS

p.58 Retrato de Jorge de Lima [Arquivo Mário de Andrade, Instituto de Estudos Brasileiros-USP] **p.60** Lasar Segall, *Estudo para Poemas negros de Jorge de Lima*, desenho à tinta preta à pena, 47,0 x 34,4 cm., 1947 [Acervo Museu Lasar Segall-IPHAN/Minc] **p.61** [Arquivo Museu Lasar Segall-IPHAN/Minc] **p.62** Lasar Segall, *Estudo para Poemas negros de Jorge de Lima*, desenho à tinta preta à pena, 36,2 x 26,2 cm., 1947 [Acervo Museu Lasar Segall-IPHAN/Minc] **p.63** [Arquivo Museu Lasar Segall-IPHAN/Minc] **p.68** *Sem título*, 16,9 x 11,3 cm. [Arquivo M.A., IEB-USP] **p.96** 10 x 0, 15,8 x 10,5 cm. [Arquivo M.A., IEB-USP] **p.125** *Sem título*, 16,7 x 11,9 cm. [Arquivo M.A., IEB-USP] **p.138** *Sem título*, 11,8 x 15,9 cm. [Arquivo M.A., IEB-USP] **p.158** *O julgamento do tempo*, 15,3 x 11,4 cm. [Arquivo M.A., IEB-USP] **p.159** *Sem título*, 14,7 x 10,3 cm. [Arquivo M.A., IEB-USP] **p.159** *Sem título*, 15,6 x 11,3 cm. [Arquivo M.A., IEB-USP] **p.163** *Sem título*, 14,8 x 11,2 cm. [Arquivo M.A., IEB-USP] **p.168** *A poesia abandona a ciência à sua própria sorte*, 11,4 x 13,5 cm. [Arquivo M.A., IEB-USP] **p.172** *Sem título*, 11,6 x 15,6 cm. [Arquivo M.A., IEB-USP] **p.178** *Sem título*, 15,3 x 11,3 cm. [Arquivo M.A., IEB-USP].

As fotomontagens de Jorge de Lima foram fotografadas por Romulo Fialdini.

As fotos das cartas da correspondência de Jorge de Lima (p.61 e 63) e dos desenhos de Lasar Segall (p.60 e 62) foram feitas por Eugenius Pacceli.

A obra em prosa de Jorge de Lima: *A mulher obscura*, *O Anjo*, *Calunga* e *Guerra dentro do beco* é editada atualmente pela Civilização Brasileira, R.J. (do grupo Record), a obra poética, pela Nova Aguilar, R.J.